

Capítulo 1

Ela caminhava entre eles despercebida; era apenas mais um pedestre saindo do trabalho na hora do *rush* e caminhando com dificuldade em meio à neve fresca de fevereiro em direção à estação de trem. Ninguém prestava atenção à delicada mulher coberta por um casaco enorme com capuz; um lenço ocultava seu rosto até a linha dos olhos, que contemplavam a multidão de passantes com um interesse penetrante. Penetrante demais, sabia disso, mas não podia evitar.

Sentia-se ansiosa por estar entre eles e, impaciente para encontrar sua presa.

A cabeça vibrava com as batidas do *rock* que ecoava através dos pequenos fones de ouvido de um MP3. Não era dela. Havia pertencido ao seu filho adolescente, Camden. O doce Cam, que havia falecido há quatro meses, vítima da guerra que se desenrolava no submundo e da qual a própria Elise agora fazia parte. Ele era a razão pela qual estava ali, rondando as ruas lotadas de Boston com uma adaga no bolso do casaco e uma afiada faca com fio de titânio amarrada à coxa.

Agora mais do que nunca, Camden era sua razão de viver.

Sua morte não podia passar impune.

Elise atravessou o semáforo e avançou pela rua em direção à estação de trem. Podia ver as pessoas falando enquanto as ultrapassava, seus lábios se movendo silenciosamente, suas palavras – e, ainda mais

importante, seus pensamentos – abafadas pelas músicas agressivas, pelas guitarras estridentes e pelas pulsações do baixo que preenchiam-lhe os ouvidos e vibravam em seus ossos. Não sabia ao certo o que estava escutando e não importava. Só precisava do barulho, tocando alto o bastante e por tempo suficiente para que chegasse ao lugar da caça.

Entrou no edifício, apenas uma pessoa a mais em um rio de movimento humano. Uma luz pungente se derramava das lâmpadas fluorescentes no teto. O cheiro da imundície da rua, do suor, de corpos em excesso invadiu as narinas dela através do lenço. Elise caminhou prédio adentro, detendo-se no centro da estação. Forçada a contorná-la, a fluida multidão passava esbarrando nela, acotovelando-se na pressa de pegar o próximo trem. Mais de um passante a fuzilou com os olhos, balbuciando obscenidades por causa de sua parada brusca no meio do caminho.

Deus, como desprezava todo esse contato, mas era necessário. Respirou fundo para se recuperar, pôs a mão no bolso e desligou a música. O barulho da estação caiu sobre ela como uma onda, envolvendo-a em uma confusão de vozes, de arrastar de pés, do tráfego lá fora e dos ruídos e rangidos metálicos do próximo trem. Mas tais barulhos não eram nada em comparação aos outros que inundavam sua mente agora.

Pensamentos repulsivos, más intenções, pecados secretos, ódios declarados – tudo se agitava ao redor dela como uma tempestade negra; a devassidão humana a procurava e martelava-lhe os sentidos. Desestabilizando-a, como sempre, essa primeira rajada nociva de vento quase a sobrepujava. Elise balançou sobre os pés. Lutou contra a náusea que crescia em seu íntimo e tentou ao máximo suportar a agressão psíquica.

– *Vagabunda, espero que a despeçam...*

– *Malditos turistas caipiras, por que não voltam para onde é seu lugar...*

– *Idiota! Saia do meu caminho, ou vou bater em você...*

– E daí que ela é a irmã da minha esposa? Não é como se não estivesse atrás de mim esse tempo todo...

A respiração de Elise acelerava a cada segundo, e uma dor de cabeça brotava nas têmporas. As vozes em sua mente se misturavam às conversas, quase indistinguíveis, mas Elise se mantinha firme, envolta pelos próprios braços, enquanto o trem chegava e suas portas se abriam para que um novo mar de pessoas transbordasse sobre a plataforma. Passavam ao seu redor, e mais vozes se acrescentaram à cacofonia que a destruía por dentro.

– Esses malditos mendigos deviam se esforçar o mesmo tanto para conseguir um emprego...

– Juro, se ele puser as mãos em mim mais uma vez, vou matar o filho da mãe...

– Rápido, boiada! Corram de volta para o curral! Criaturas patéticas, meu Mestre tem razão, vocês merecem ser escravizadas...

Elise arregalou os olhos. Seu sangue congelou nas veias assim que essas palavras se registraram na mente. Era essa a voz que estava esperando ouvir.

A voz pela qual havia vindo caçar.

Não sabia o nome de sua presa, nem mesmo sua aparência física, mas sabia o que era: um Subordinado. Como os outros de sua espécie, havia sido humano uma vez, mas agora era menos que isso. Sua humanidade havia sido sugada por aquele a quem chamava de Mestre, um vampiro poderoso, líder dos Renegados. Era por causa deles – dos Renegados e do ser diabólico que os guiava em uma crescente guerra em meio à raça dos vampiros – que o único filho de Elise estava morto.

Após ter enviuvado cinco anos atrás, Camden era tudo o que lhe restava, tudo o que importava em sua vida. Com a perda dele, Elise havia encontrado um novo objetivo. Uma determinação inabalável. Era o que a sustentava agora, guiando seus pés através da densa multidão, procurando por aquele que pagaria pela morte de Camden.

A cabeça girava com o contínuo bombardeio de pensamentos terríveis e dolorosos, mas, por fim, Elise conseguiu localizar o Subordinado. Ele caminhava alguns metros à frente dela, com a cabeça oculta por um gorro preto e o corpo recoberto por uma jaqueta verde camuflada, rota e desbotada. Emanava hostilidade por todos os poros. Sua deterioração era tão completa que Elise podia senti-la como bÍlis no fundo da garganta. E não tinha outra escolha além de se manter perto dele, esperando pela oportunidade de entrar em ação.

O Subordinado deixou a estação e avançou pela calçada em passos rápidos. Elise o seguiu, com os dedos enrolados com firmeza em torno da adaga em seu bolso. Ao ar livre, com menos pessoas, o barulho mental havia diminuído, mas a dor da sobrecarga na estação continuava, perfurando seu crânio como um prego. Elise manteve os olhos treinados em sua presa, aumentando a velocidade dos passos ao vê-lo entrar em uma loja. Aproximou-se da porta de vidro, espiou por trás do símbolo da FedEx e viu o Subordinado esperando na fila para o balcão de atendimento.

– Com licença, senhora – disse alguém atrás dela, sobressaltando-a com o som de uma voz verdadeira, e não o zumbido de palavras que ainda enchiam a cabeça. – Vai entrar ou não, moça?

O homem atrás dela abriu a porta ao falar, segurando-a aberta enquanto esperava. Elise não tinha nenhuma intenção de entrar, mas agora todos a estavam olhando – inclusive o Subordinado –, e acabaria chamando mais atenção para si se recusasse. Entrou no cômodo intensamente iluminado e imediatamente fingiu se interessar por uma disposição de caixas de envio na vitrine da frente.

Com a visão periférica, observava o Subordinado esperar sua vez na fila. Ele estava nervoso e mentalmente agressivo, repreendendo com os pensamentos os clientes à sua frente. Finalmente se aproximou do balcão e ignorou a saudação do funcionário.

– Encomenda para Raines.

O atendente digitou algo no computador e hesitou por um segundo.

– Espere um momento. – Encaminhou-se para uma sala nos fundos e voltou um instante depois, sacudindo a cabeça. – Ainda não chegou. Sinto muito.

A fúria emanou do Subordinado, apertando como uma morsa as têmporas de Elise.

– O que quer dizer com “ainda não chegou”?

– Grande parte de Nova York foi atingida por uma enorme nevasca ontem à noite, então muitas das entregas de hoje estão atrasadas...

– Essa encomenda estava assegurada – grunhiu o Subordinado.

– Sim, é verdade. Pode pedir seu dinheiro de volta, mas terá de preencher uma reclamação...

– Que se dane essa reclamação, idiota! Preciso desse pacote. Agora! *Meu Mestre vai acabar comigo se eu não aparecer com essa encomenda, e, se isso acontecer, volto aqui e arranco-lhe as vísceras.*

Elise inspirou fundo diante da virulência daquela ameaça secreta. Sabia que os Subordinados viviam apenas para servir aquele que os havia criado, mas era sempre um choque escutar a terrível intensidade de sua submissão. Para eles, nada era sagrado. Vidas não representavam nada, tanto de seres humanos como de membros da Raça. Os Subordinados eram quase tão desprezíveis quanto os Renegados, a facção criminosa e sedenta de sangue da nação vampiresca.

O Subordinado se inclinou sobre o balcão, apoiando-se nos punhos.

– Preciso dessa encomenda, idiota. Não saio daqui sem ela.

O funcionário se afastou, e seu rosto adquiriu uma feição subitamente cautelosa. Apanhou o telefone.

– Olhe, meu caro, como já expliquei, não há nada mais que eu possa fazer. Terá de voltar amanhã. Agora precisa ir embora, antes que eu chame a polícia.

Imbecil inútil – grunhiu o Subordinado por dentro. – *Voltarei amanhã, pode deixar. Espere só que voltarei por você!*

– Algum problema aqui, Joey? – Um homem mais velho apareceu dos fundos, com a expressão grave.

– Tentei dizer a ele que sua encomenda ainda não chegou por conta da nevasca, mas ele não desiste. Como se quisesse que eu a tirasse do meu...

– Senhor? – Disse o gerente, interrompendo seu empregado e cravando no Subordinado um olhar sério. – Vou lhe pedir educadamente que saia agora. Ou acionarei a polícia para que o acompanhe para fora daqui.

O Subordinado resmungou algo indistinguível, mas detestável. Bateu com o punho no balcão, virou-se e se afastou com arrogância. Ao se aproximar da porta onde Elise se encontrava, chutou uma caixa e mandou rolos de fitas e plásticos bolha rolando pelo chão. Embora Elise tivesse dado um passo atrás, o Subordinado vinha com determinação em sua direção. Ele a fitou com olhos vagos e desumanos.

– Saia já do meu caminho, sua vaca!

Ela mal havia se movido quando ele passou a seu lado feito um foguete e saiu, empurrando a porta com tanta força que os painéis de vidro chacoalharam como se fossem quebrar.

– Estúpido – murmurou um dos clientes ainda na fila, assim que o Subordinado tinha desaparecido.

Elise pôde sentir uma onda de alívio inundando os outros clientes com a partida dele. Também se sentia aliviada em parte, contente por ninguém ter se machucado. Queria esperar um pouco na tranquilidade momentânea da loja, mas não podia se dar ao luxo. O Subordinado atravessava a rua agora, com o humor tempestuoso, e já começava a anoitecer.

Ela tinha apenas meia hora antes que a noite caísse e os Renegados saíssem para se alimentar. Se o que fazia já era perigoso durante o dia, à noite era praticamente suicídio. Podia assassinar um Subordinado discretamente com a lâmina de aço – já havia feito isso, na verdade, mais de uma vez –, mas, como qualquer humano, homem ou mulher, não tinha chances contra a força dos Renegados viciados em sangue.

Concentrando-se no que tinha de fazer, Elise deslizou pela porta e seguiu o Subordinado pela rua. Ele estava furioso e caminhava bruscamente, empurrando os outros pedestres e rugindo-lhes maldições ao passar. Um novo ataque de dor preencheu a cabeça dela, enquanto mais vozes se uniam ao zumbido que já ressoava na mente, mas Elise se manteve atrás de seu alvo. Deteve-se alguns metros antes, com os olhos fixos no pálido volume verde daquela jaqueta contra o leve neviscar. Ele virou à esquerda na esquina de um prédio e entrou em um beco estreito. Elise se apressou nesse instante, desesperada para não perdê-lo de vista.

A meio caminho da rua lateral, ele abriu uma porta surrada de aço e desapareceu. Elise avançou até a porta de metal sem janelas, sentindo as palmas das mãos suarem, apesar do frio. Os pensamentos agressivos dele invadiam sua mente – pensamentos assassinos, todas as coisas apavorantes que seria capaz de fazer em deferência a seu Mestre.

Elise pôs a mão no bolso e pegou a adaga. Segurou-a junto a si, pronta para atacar, mas escondida detrás do casaco comprido. Com a mão livre, agarrou a maçaneta e abriu a porta destrancada. Flocos de neve caíram em redemoinho diante dela no cômodo escuro que fedia a mofo e fumaça de cigarro. O Subordinado estava em pé perto de uma pilha de encomendas do correio, apoiando um ombro contra a parede, e abriu um celular exatamente igual ao que todos eles carregavam – a linha direta dos Subordinados com seu vampiro Mestre.

– Feche essa maldita porta, sua idiota! – Repreendeu ele; os olhos desalmados brilhavam. As sobranceiras se franziram quando Elise se moveu rapidamente em direção a ele, com intenção mortal. – Que diabos...?

Ela trouxe a adaga com firmeza contra o peito dele, ciente de que o elemento-surpresa era uma de suas melhores vantagens. A fúria dele a golpeou como um soco físico, empurrando-a para trás. Sua deterioração penetrou a mente de Elise como ácido, queimando os sentidos. Elise lutou contra a dor psíquica e se voltou para atacá-lo outra vez

com a adaga, ignorando o repentino calor úmido do sangue dele se derramando em sua mão.

O Subordinado cuspiu irado, agarrando-a enquanto caía sobre ela. Sua ferida era mortal e jorrava tanto sangue que Elise quase perdeu os sentidos ao vê-lo e cheirá-lo. Livrou-se do peso do Subordinado e saiu do caminho enquanto ele caía ao chão. Sua respiração estava entrecortada, o coração batia acelerado, e a cabeça martelava em agonia enquanto o bombardeio mental da ira dele continuava em sua mente.

O Subordinado se debateu e sibilou enquanto a morte se apoderava dele. Então, por fim, ele se tranquilizou.

Finalmente, houve silêncio.

Com os dedos trêmulos, Elise recuperou o telefone celular que jazia a seus pés e o guardou no bolso. A caça a havia esgotado, era quase impossível suportar a dor física combinada ao esforço psíquico. Cada vez parecia pesar ainda mais sobre ela, parecia demorar ainda mais para se recuperar. Ela se perguntava se chegaria o dia em que desceria tão profundamente no abismo que não seria capaz de voltar. Provavelmente, imaginava, mas não hoje. E continuaria lutando enquanto tivesse vida em seu corpo e a dor da perda no coração.

– Por Camden – sussurrou, baixando os olhos para o Subordinado morto enquanto ligava o MP3 para voltar a casa. A música alta nos fones de ouvido silenciava o dom que lhe dava o poder de escutar os segredos mais íntimos de uma alma humana.

Já havia ouvido o suficiente por hora.

Com sua importante missão do dia completa, Elise se virou e deixou para trás a carnificina que havia provocado.